

DARNTON, BENEDICT E LEVI EM DESACORDO E A GRANDE DISCUSSÃO EM TORNO D'O GRANDE MASSACRE DE GATOS

DARNTON, BENEDICT AND LEVI IN DISPUTE AND THE GREAT DISCUSSION ABOUT *THE GREAT CAT MASSACRE*

Rosenilson da Silva Santos¹

Resumo: Esse ensaio problematiza as repercussões que o livro de autoria do historiador estadunidense Robert Darnton, *O Grande Massacre de Gatos, e outros episódios da história cultural francesa*, desencadeou a partir de 1984, ano de sua publicação, entre o público não-especializado e em publicações específicas da área. Analisaremos textos assinados por dois historiadores: um americano, Philip Benedict e o outro, italiano, Giovanni Levi, que se posicionaram em um importante periódico internacional, uma revista da área de História, a italiana *Quaderni Storici*. Nosso objetivo é mapear como tal obra foi considerada na crítica dos dois autores supracitados e, para tanto, além de uma leitura atenta do próprio livro e dos textos em que ele é avaliado, cotejamos informações de cunho biográfico e intelectual de Darnton, especialmente a partir de entrevistas por ele concedidas e de obras com as quais ele dialoga.

Palavras-chave: Historiografia, Darnton, Debate.

Abstract: this essay problematizes the repercussions that the book by the American historian Robert Darnton, *The Great Cat Massacre: And Other Episodes in French Cultural History*, unleashed from 1984, the year of its publication, among the non-specialized public and in publications area specific. We will analyze texts signed by two historians: one American, Philip Benedict, and the other, Italian, Giovanni Levi, who positioned themselves in an important international journal, a magazine in the area of History, the Italian *Quaderni Storici*. Our objective is to map how this work was considered in the criticism of the two aforementioned authors and, for that, in addition to a careful reading of the book itself and the texts in which it is evaluated, we collate information from a biographical and intellectual nature of Darnton, especially from interviews granted by him and of works with which he dialogues.

Keywords: Historiography, Darnton, Debate.

Introdução:

Autor de uma vasta bibliografia sobre temas que perpassam por mentalidades, pensamento, cultura francesa pré-revolucionária, Revolução Francesa, leitura, literatura, Iluminismo, censura, imprensa e história do livro, entre as historiadoras e os historiadores o nome de Robert Darnton é sinônimo de uma carreira acadêmica bem-sucedida. Seu nome também remete, de um modo um tanto quanto automático, ao título de seu mais célebre livro: *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Sobre esta obra, em particular, e a polêmica que ela inaugura, ou aprofunda, no campo das ciências sociais e na História, tratará este ensaio. Antes, no entanto, cabem

¹ Professor do Departamento de História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – DHI/UERN e do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGHC/CERES/UFRN. Doutor em História pela Universidade de Brasília – UNB.

algumas considerações sobre seu autor, que jugamos importantes para compreensão de sua relação com a História que produz.

Um historiador entre a História e o Jornalismo

Embora Robert Darnton seja um estudioso da história e cultura francesa do século XVIII, sendo um especialista em temas como Revolução Francesa e Iluminismo, sua formação acadêmica é anglo-americana. Darnton nasceu nos Estados Unidos no mês de maio de 1939, formou-se em *Harvard*/EUA em 1960 e doutorou-se na inglesa *University of Oxford* em 1964.

Em 1968 ele ingressou como professor de História Europeia na Universidade de Princeton, onde foi colega de Lawrence Stone e Natalie Zemon Davis. Mas sua atuação não se restringe ao universo acadêmico estadunidense, foi membro dos Institutos de Estudos Avançados de Stanfor, Berlim e Holanda e da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris. Em 1999, ainda professor em Princeton, foi presidente da *American Historical Association*¹. Mais recentemente, em 2007, se aposentou pela Universidade de Princeton e assumiu a direção da Biblioteca da *Harvard University*, a maior biblioteca universitária do mundo. A partir daí, tomou como missão profissional digitalizar e tornar acessível, gratuitamente e por meio da internet, à produção intelectual dessa universidade. Também se tornou o fundador do Programa *Gutenberg-e*, com apoio Universidade de Columbia e da *American Historical Association*, com os objetivos de digitalização e democratização da leitura e do conhecimento no mundo.

A vida acadêmica de Darnton no campo da História foi entremeada com experiências na área do Jornalismo, que marcaram, sobremaneira, a forma como narra e a própria maneira como escreve e concebe à História. Por esse motivo, o autor é constantemente criticado por historiadores pelo seu *modo jornalístico* de narrar, ao que ele afirma “não se desculpar”, pois escreve deste modo de forma intencional e os motivos são mais profundos do que uma simples simpatia pelo estilismo e a dinâmica do texto jornalístico.

Por um breve período, de 1964 a 1965, logo após doutorar-se na Inglaterra e retornar aos Estados Unidos, Darnton foi repórter na seção policial do *The New York Times*², mas isso não explica e nem sintetiza toda as suas conexões com o jornalismo. Seu pai, Byron Darnton (1897 – 1942), era repórter e foi morto em uma operação americana, durante a Segunda Guerra Mundial, quando o barco em que estava, em mares da Nova Guiné, foi confundido com uma embarcação japonesa e, por isso, alvejado por artilharia

de seu próprio país. Na ocasião Byron Darnton morreu como correspondente do *The New York Times*, para o qual fornecia informações sobre as faces do conflito no oceano Pacífico. Ele deixou dois filhos órfãos, o pequeno Robert com apenas três anos.

Robert Darnton sublinha que “cresceu com a ideia de que ser um repórter de jornal era a melhor coisa que se poderia fazer na vida”, e afirma: “na verdade, durante toda a minha vida me senti como se estivesse me preparando para uma carreira jornalística. Era esse o meu destino” ... “Já na quinta série, eu escrevia, uma vez por semana, para um jornaleco da pequena cidade em que eu morava, em Connecticut. Depois, trabalhei numa publicação policial de *New Jersey*, o *Newark Star Letter*³”.

Além do pai, sua mãe, Eleanor Choate Darnton, também jornalista, chegou a criar uma agência de notícias, “Agência Nacional de Notícias para Mulheres” e seu irmão mais novo, John Darnton⁴, trabalhou por 39 anos como jornalista e editor no *The New York Times*, se tornando dono de dois prêmios *Polk* e de um *Pulitzer* e hoje é um literato de grande sucesso. Porém, Darnton, no contato com os arquivos históricos, diz ter descoberto uma satisfação pessoal que, minimamente, lhe distanciou dos relatos tipicamente jornalísticos e, afirma, com humor, ter se tornado a partir daí “... a ovelha negra da família. Me tornei apenas mais um professor universitário⁵”.

Ter optado pela carreira de historiador, no entanto, não o apartou totalmente da atividade jornalística. Por ocasião do centenário da Revolução Francesa ele estava no Brasil e, em agosto de 1989, convidado por um instituto de estudos avançados, embarcou de São Paulo com destino à Alemanha, para Berlim, e depois para Halle, essa última cidade, no interior da então Alemanha Oriental. Darnton se tornaria testemunha ocular dos movimentos que defendiam a reunificação da Alemanha e a destruição da muralha de 156 km que dividia o país: o Muro de Berlim.

Ele afirma que gostaria de ter previsto que as fronteiras entre os dois sistemas políticos estavam prestes a cair e que o muro seria posto ao chão, mas que não tinha essa noção: “Eu saía, assistia às manifestações, conversava com os habitantes. Assim que o muro caiu, em novembro, interrompi meu livro e passei o tempo a viajar para Berlim Oriental e a escrever artigos sobre o que via⁶”.

Ainda sobre o contexto da Alemanha no período final da Guerra Fria, Darnton apontou que os alemães-orientais não apenas censuravam livros, mas desenvolveram todo um sistema para, através da literatura, disseminarem seus propósitos ditos revolucionários. A censura impossibilitou carreiras de autores/as e criou personagens típicos, os alcóoltras, por exemplo, deveriam ser sempre americanos⁷.

A imersão nos acontecimentos e no modo de operação dos jornalistas resultou na publicação do livro *Berlin Journal*⁸, fruto da tentativa de um exercício de história etnográfica, no qual o autor colheu material no meio da rua, no furacão dos acontecimentos de 1989. Ele destaca que o livro não foi fruto de uma atividade refinada e que o imprevisto, o “nível da rua”, o dia-a-dia, o fluxo dos acontecimentos e os protestos na Alemanha Oriental ditaram o ritmo da investigação, em sua opinião, tentou casar os dois gêneros, o histórico e o jornalístico.

Essa tentativa de aproximar a História de outras áreas não se restringiu, na carreira de Darnton, ao Jornalismo, outro diálogo frutífero diz respeito aquele que ele travou com a Antropologia, em especial, com aquela que era praticada por Clifford James Geertz (1926 – 2006). Sobre essa relação nos deteremos a seguir.

Um historiador entre a História e a Antropologia

No início do ano de 1972 Robert Darnton ministrava um curso de “Introdução à História das Mentalidades⁹” na Universidade de Princeton, onde encontraria com o antropólogo Clifford Geertz, a quem chama carinhosamente de “Cliff”¹⁰, este, recém transferido do Departamento de Antropologia (GEERTZ, 2008, p. VIII) da Universidade de Chicago para o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton. Em uma conversa informal, Darnton explicou para Geertz sobre o que se tratava a perspectiva das *mentalidades* e isso acabou os aproximando.

À época não havia uma definição em inglês para o termo francês *mentalité* e Darnton afirmava fazer história cultural. Adequando a máxima de Le Goff:

O nível da história das mentalidades é aquele do cotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum (LE GOFF, 1988. p. 71).

O historiador americano considerava que *as mentalidades* eram um tipo de história que poderia aproximar Diderot, Rousseau, os contadores de história camponesas e os plebeus matadores de gatos (DARNTON, 1986, p. XVIII) em um tipo de narrativa que pudesse tratar dos elementos quase inertes e inconscientes de uma determinada sociedade, daquilo que era comum a todos os sujeitos de uma mesma época, por isso mesmo uma subárea

necessariamente interclassista, uma vez que lançava luzes sobre o que havia de semelhante nos soldados, generais, pobres, ricos em uma dada realidade histórica.

Em 1976, o seminário de “Introdução à História da Mentalidades”, até então orientado apenas por Darnton, se tornou um curso de “História e Antropologia”, ministrado por ele e pelo antropólogo Clifford Geertz.

A antropologia geertziana, que havia sido desenvolvida em associação com as ideias de Victor Turner, Mary Douglas, Marshall Sahlins e tinha em Max Weber suas origens, se concentrava no estudo das visões de mundo e sistemas simbólicos. A partir dos anos 1950 Geertz desenvolveria a chamada Antropologia Hermenêutica (simbólica ou interpretativa) que concebe a textualidade como algo imanente à realidade cultural a ser analisada. A Antropologia Hermenêutica lhe garantiria, ao lado de nomes como Claude Lévi-Strauss, o *status* de um dos grandes antropólogos do século XX.

Nos quinze artigos elaborados entre fins da década de 1950 e início da de 1970, reunidos em *A Interpretação das Culturas*¹¹, lançado nos Estados Unidos em 1973, nove dos quais lançados em português na primeira edição brasileira em 1978¹², Geertz expõe o que entende por *Descrição Densa* a partir de textos que têm por fio condutor a relação direta e explícita com o conceito de cultura, de um modo especial no primeiro capítulo, intitulado “Uma Descrição Densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura”.

Para Geertz, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário (GEERTZ, 2008, p. 04, 07), para além das técnicas, é um esforço intelectual que se direciona para os sentidos. Ao citar o caso de três garotos que piscam os olhos: o primeiro pisca por tique nervoso, o segundo repete o ato obedecendo as ordens de alguém e o último o faz para ridicularizar aos dois primeiros, o antropólogo nos fornece uma ideia de qual a natureza da Descrição Densa. Os sentidos do piscar nos exemplos usados por Geertz não são os mesmos, na prática etnográfica o antropólogo não poderia se limitar a definição de piscar como *o simples ato de contrair as pálpebras* pelo fato de que cada ato, embora superficialmente possa se limitar a mecanicidade de abrir e fechar os olhos, no social, tem sentidos e efeitos diferenciados.

Na antropologia geertziana a cultura é pensada como “sistemas entrelaçados de signos interpretativos” (GEERTZ, 2008, p. 10.), ela não é um poder, é um contexto que o antropólogo interpreta e descreve. Neste sentido, “... os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão”... “Tratam-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido

original de *fictio* – não que sejam falsas, não factuais ou apenas experimentos de pensamento” (GEERTZ, 2008, p. 11).

O próprio Geertz afirma que essa percepção do texto antropológico como uma interpretação parece ameaçar o *status* objetivo do conhecimento e que essa ameaça existe, muito embora de modo superficial. A descrição antropológica é uma inscrição que pode ser reconsultada/revisitada, enquanto o acesso ao acontecimento/ato/prática que descreve não é mais possível, pois ele existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, portanto, “a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis” (GEERTZ, 2008. p. 14.).

Ainda sobre a suposta ameaça à objetividade do conhecimento, esse autor afirma que, embora tenha testemunhado um enorme aumento do interesse da antropologia e das demais ciências sociais no papel das formas simbólicas na vida humana, ele mesmo tentara resistir ao subjetivismo, empenhando-se em manter a análise das formas simbólicas o mais estreitamente possível conectada aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, à vida comum e que não é por que um ambiente totalmente asséptico é impossível que uma cirurgia possa ser realizada em um esgoto. Com essa metáfora ele marca sua posição em relação à objetividade do conhecimento nas ciências sociais: não é porque ela é inalcançável que não se deve tentar alcançá-la ou geri-la de algum modo.

Foi com essa perspectiva antropológica que Robert Darnton entrou em contato através do curso que orientará em Princeton, em dupla com Geertz. O historiador afirma que *O Grande Massacre de Gatos*¹³ é “marca” dessa experiência do curso, “... mas não é um livro especificamente ‘geertziano’. Inspira-se no trabalho de muitos antropólogos, numa tentativa de escrever história numa veia etnográfica” (DARNTON, 2002, p. 389.). De forma recorrente ele assinala e agradece à importância da convivência com Geertz e o quanto aprendeu sobre Antropologia ao longo do tempo em que ministraram o referido curso. Por outro lado, sublinha que há tantas variedades e contradições nos trabalhos dos antropólogos que não acredita que eles possam fornecer um modelo ou uma metodologia à História.

Para Darnton, essa pluralidade de contradições, no entanto, não secundariza o fato de que os historiadores têm interpretado de uma maneira equivocada a noção de ‘Descrição Densa’ desenvolvida por Geertz. “Na verdade, o conceito tem sua origem na filosofia linguística e, mais longe ainda, nas ‘afinidades eletivas’ de Weber, tiradas do romance de Goethe, *Die Wahlverwandschaften*. Havia, então, desde o início, um componente literário na ciência social de Geertz” (DARNTON, 2002, p. 390 - 91).

É muito provável que, a partir das experiências com o Jornalismo e da convivência com a Antropologia, Darnton tenha elaborado sua concepção de história. Para ele, “... a história continua sendo uma ciência interpretativa e não possui ‘linhas de demarcação’ do tipo supostamente existente em algumas ciências sociais” (DARNTON, 2002, p. 390). Há aí uma notável semelhança entre como Geertz considera a *descrição antropológica* e como Darnton concebe a *escrita historiográfica*, ambas como exercícios interpretativos em relação a seu objeto.

Nesse sentido, a posição de Darnton em geral, e no livro *O Grande Massacre de Gatos* em particular, inseriu esse historiador americano em uma discussão que pode ser mapeada em alguns textos, resenhas e réplicas publicados entre 1984 e 1986 em importantes periódicos internacionais. Alguns destes textos ainda se encontram sem tradução no Brasil, caso da resenha de autoria de Philip Benedict, que analisaremos aqui. Já outros foram traduzidos para o Português, embora, ocasionalmente, com títulos alterados, o que, por si só, dificulta serem acessados e, mais ainda, contextualizados na referida discussão.

Dois desses textos foram publicados em 1985, ambos em italiano, em uma seção de discussões da Revista “reduto” dos micro-historiadores na Itália: a *Quaderni Storici*. Os textos obedecem ao formato de resenhas, embora muito extensas e conectadas com inúmeras leituras e perspectivas para serem simplesmente classificadas assim. O primeiro dos textos é de autoria do historiador americano Philip Benedict, intitulado *Robert Darnton e il Massacro dei Gatti: storia interpretativa o storia quantitativa?*; o segundo é *I pericoli del geertzismo*, este assinado pelo historiador italiano Giovanni Levi¹⁴.

No próximo e último tópico deste artigo trataremos das leituras destes dois historiadores, Philip Benedict e Giovanni Levi, e de como eles avaliaram à época a colaboração do livro *O Grande Massacre de Gatos*, de autoria de Robert Darnton, para a historiografia e para o debate em torno do tema “metodologia da história”.

O Grande Massacre de Gatos e suas ressonâncias entre os historiadores

Nos sites de editoras e de vendas de livros são comuns as referências aos quase 15 livros publicados por Robert Darnton no Brasil, muitos deles listam os títulos, que impressionam a qualquer um/a, tanto pela quantidade como pela diversidade temática. Em relação ao livro *O Grande Massacre de Gatos* as informações e os números não são menos impressionantes, a obra já foi publicada em 19 línguas em todo o mundo. Somente no Brasil, desde sua primeira edição em português americano, publicada pela Graal em

1986, é possível contar, pelo menos, com algo em torno de dez edições¹⁵, sendo a última do ano de 2015, entregue aos leitores pela Paz e Terra.

Normalmente produzidas pela editora Graal e, a partir de 2014, pela Paz & Terra e no eixo Rio-São Paulo, esses números fazem desse livro, certamente, uma das obras de História mais lidas em nosso país.

Sua publicação em 1984 colocou seu autor em evidência nos Estados Unidos, tendo vendido, de imediato, algo em torno de dez mil exemplares e fazendo-o ter que ir à televisão falar sobre seu trabalho, o que não era muito comum nos Estados Unidos à época, pelo contrário, se tratava de uma reação extraordinária, segundo Philip Benedict, ainda mais em se tratado de uma obra que não se dedica à história nacional, mas de história europeia/francesa.

Para além da calorosa reação do público não-especializado em história, ainda mais em um país não-europeu, *O Grande Massacre de Gatos* mobilizou historiadores do porte de Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Giovanni Levi. Vale destacar que esse último, entre os anos de 1983 e 84 estava na mesma universidade onde Darnton trabalhava e, segundo Henrique Espada Lima (2009. p. 144), é provável ter sido nesse período em que ele entrou em contato com o debate corrente entre os estudos históricos e a antropologia cultural interpretativa de Clifford Geertz.

Chartier, Boudieu e Levi, a partir de 1985, se posicionaram em importantes periódicos da área das ciências sociais, tanto na Europa como nos Estados Unidos, como *The Journal of Modern History*; *Quaderni Storici* e *Actes de la recherche en sciences sociale* sobre o recente livro de autoria Darnton.

The Journal of Modern History é uma revista acadêmica estadunidense na qual são divulgados artigos e resenhas de livros. Em sua página pública na Internet, local de onde obtivemos os dados aqui apresentados, percebe-se que seu primeiro número é de 1929. Chamada de JMH ela é reconhecida como principal revista americana no estudo da vida intelectual, política, cultura e história europeia, do período Renascentista aos dias de hoje. É publicada pela *University of Chicago Press*, em cooperação com a Secção de História Moderna da Europa da *American Historical Association*.

A *Quaderni Storici*, também é um periódico internacional, mas de origem italiana, e nela são publicadas resenhas, ensaios e artigos, sem recorte de tempo específico, ao contrário da JHM americana. Suas publicações são multitemáticas, tratam sobre história social, econômica, gênero e, especialmente, micro-história. Seu primeiro número é de 1966 e até 1999 já contabilizava 100 números circulando. Essa revista tem, provavelmente, salvas as devidas particularidades, para a micro-história de forma geral e,

para a historiografia italiana em específico, sentido semelhante ao que a *Annales* tem/teve para a historiografia francesa pós 1929.

Por fim, a *Actes de la recherche en sciences sociales* é uma revista científica francesa fundada em 1975 por Pierre Bourdieu, que permaneceu como seu líder até sua morte em 2002. Publicada com o apoio da *Université Paris-1* e da *École des hautes études en sciences sociales* (EHESS) e do *Collège de France*, ela dá vazão a trabalhos de diversas áreas, como História, Linguística e Antropologia.

Como se percebe, não eram anônimos os autores e nem pouco conhecidos os canais de comunicação especializados que foram mobilizados para a discussão que resultou da publicação do livro de Darnton, ao contrário, já eram autores lidos no mundo inteiro e os periódicos em que publicaram suas impressões eram referência em seus países e acessados por historiadores e cientistas sociais de outras partes do mundo. Neste sentido, um dos primeiros textos a que nos deteremos é aquele publicado por um historiador americano, assim como Darnton, especialista em história da Europa Moderna, precisamente no tema da Reforma Protestante, e realizador de pesquisas nos arquivos da França.

Philip Benedict iniciou o texto, que ocupou treze páginas da *Quaderni Storici*, apontando a recepção da obra nos Estados Unidos, desde os comentários elogiosos em revistas de grande circulação naquele país, como *The New York Times Book Review* e *The New Republic*, e apontou o fascínio exercido e o sucesso obtido pelo livro como merecidos, especialmente por se tratar de uma obra dividida em seis capítulos, aparentemente desconexos, que perambulam por realidades muito distintas da cultura francesa do século XVIII e, neste ponto, ele sublinhou o que separava a publicação de Darnton das obras anteriores sobre o Iluminismo, por exemplo: o fato do autor tratar como cultura francesa também à “cultura popular” e colocar Rousseau, por exemplo, ao lado dos homens, escritores e leitores comuns.

Os adjetivos dedicados a Robert Darnton nas páginas da revista italiana foram fartos: “sempre extraordinário” e “inteligente”. No entanto, no referido livro, para Benedict, ele teria superado essas características, *O Grande Massacre de Gatos*, era o seu verdadeiro *tour de force*, expressão do francês para referir-se a realização de uma façanha ou proeza excepcional. Para Benedict, “... o livro é, certamente, muito mais que uma coleção de seis quadros separados, como parece à primeira vista” (BENEDICT, 1985, p. 258.), ele apresenta um interessante panorama da cultura francesa.

Segundo Benedict, o modo como Darnton apresentou a documentação, além de novo, era inteligente e instigante, realizado através de uma narrativa que fluía entre o

inglês coloquial, expressões francesas e os jargões usados pelos acadêmicos. Benedict ainda estabeleceu comparações entre “O Grande Massacre de Gatos” e “O queijo e os Vermes”, este último, de autoria do historiador italiano Carlo Ginzburg. Vale destacar que essa comparação não deve ter soado bem entre os historiadores italianos, normalmente ávidos a desconsiderarem Darnton e Natalie Zemon Davis como micro-historiadores.

Benedict ainda afirmou que nos dois livros, no de Darnton e no de Ginzburg, se destacavam os esforços de seus autores em vasculharem arquivos e assumirem para si o papel de guias para uma multidão de leitores, ambos conservando a elegância no estilo da escrita, habilmente aproximada da do senso comum (BENEDICT, 1985, p. 258). Mais a frente em sua análise, Benedict aponta em um dos capítulos, nas suas palavras, um dos melhores e dos mais importantes, uma semelhança maior ainda com Ginzburg: onde há a “... leitura de Rousseau da parte de Ranson, é um dos raros casos que podem ser colocados ao lado do de Menochhio, o tipo de análise desses documentos: é um exemplo de como os leitores comuns daquele período reagiam aos textos que liam” (BENEDICT, 1985, p. 262).

No entanto, passada a parte deste tipo de publicação acadêmica, os textos-resenhas, onde as cordialidades dão espaço às observações mais acuradas, o tom, inicialmente elogioso ao autor e a obra, darão lugar a considerações menos amistosas. Benedict sublinha que Darnton pretende desenvolver “uma nova abordagem da história das mentalidades” embora afirme que se trate de “História em sua tendência etnográfica” (BENEDICT, 1985, p. 259.) e um dos primeiros problemas apontados pelo resenhista de *O Grande Massacre de Gatos* está nessa tentativa de esboçar uma nova história das mentalidades, não por se tratar de um esforço de renovação nos Estados Unidos de um gênero que, mesmo na França, seu berço, estava asfixiando-se, mas por sua ênfase “aos significados” em detrimentos da “quantificação” das mentalidades, como noutra hora tentaram os franceses no desenvolvimento das *mentalités*.

Benedict, paulatinamente, discorda que o estudo da cultura tenha que ser feito através dos “significados” ou da “quantificação” e critica o fato de Darnton colocar essas duas possibilidades como opostas, quando, em sua opinião, são complementares (BENEDICT, 1985, p. 263 - 64.). Neste sentido, assinala positivamente as qualidades do trabalho de Michel Vovelle¹⁶ que, a partir da análise quantitativa de dados provenientes de testamentos, demonstra que há uma mudança na sensibilidade religiosa em Provença/França, no recorte que vai da metade do século XVIII ao início do XIX. Sobre esse aspecto ele afirma:

(...)a quantificação também pode ajudar neste processo ao fornecer indicações sobre a cronologia de uma certa crença ou da adoção de uma certa prática e aclarando os tipos de pessoas que adotavam-na ou recusavam-na (...) A quantificação não deve ser o extremo oposto de uma pesquisa dos significados (BENEDICT, 1985, p. 264).

Neste sentido, de acordo com Benedict, a obra de autoria de Darnton não avançava, pelo contrário, ela apenas reproduzia a tradicional oposição das ciências sociais sobre seus *status* e seu método: de um lado aqueles que acreditam em uma essência específica das ciências sociais (Vico, Herder e Dilthey) e, do outro, os que defendiam a possibilidade de sua objetividade com base na mimetização dos procedimentos das ciências naturais (Comte). Ainda afirmaria Benedict, o método de que Darnton é um dos defensores não tem nada de inovador, como pode parecer à primeira vista, e sua forma de lidar com os dilemas da ciência histórica, não somente era um dos problemas do livro *O Grande Massacre de Gatos*, como também “um modo ultrapassado de encarar os problemas históricos transvestido com os hábitos da antropologia mais recente” (BENEDICT, 1985, p. 266 - 67).

E nessa direção nós chegamos a um ponto fulcral das considerações de Philip Benedict ao livro de Darnton: sua crítica à aproximação que esse último desenvolve em relação à antropologia geertziana em seu “potencial ameaçador de promover uma contração — em vez de ampliação — do campo de pesquisa da história cultural” (BENEDICT, 1985, p. 266 - 67). Benedict afirma que Darnton foi empurrado, em conjunto com outros jovens e inovadores historiadores, como William Sewell e Rhys Isaacs, para a abordagem antropológica cultural em virtude da desconfiança em relação a já citada abordagem quantitativa praticada por vários historiadores sociais e da cultura na França, adotando Clifford Geertz como seu “Guru”. Vale antecipar que os problemas provocados por essa aproximação serão aprofundados na resenha de autoria de Giovanni Levi sobre o livro de Darnton.

Por fim, Benedict assinala que todos os historiadores que se debruçarem sobre o livro de Darnton reconhecerão a inteligência do autor, o seu charme e seu domínio sobre a insólita e atraente documentação que utiliza. Ressalva ainda que, em detrimento dos enunciados a respeito do método, Darnton não deixa que eles interfiram no modo como constrói, na prática, suas demonstrações e suas hipóteses são sempre verificadas nos arquivos (BENEDICT, 1985, p. 258, 260, 261). Ele afirma, duas vezes, que não era pretensão da obra transformar a compreensão que os historiadores tinham da paisagem cultural do XVIII (BENEDICT, 1985, p. 262 - 268) e que o fascínio que vinha

desenvolvendo em leitores especialistas e não-especializados não fazia do livro algo como um discurso sobre o método.

Diferentemente de Philip Benedict, Giovanni Levi¹⁷ não usou dos prolegômenos habituais e amistosos que costumam ser a porta de entrada das resenhas acadêmicas e já iniciou sua leitura da obra apontando que a receita do livro de Darnton era a inspiração no debate em voga, naquele período, sobre a crise das ciências sociais e da aproximação “perigosa” com uma certa perspectiva da antropologia e que, por isso, os resultados de tal livro eram “discutíveis” (LEVI, 1999, p. 137.).

Levi pretende nesse e em outros textos¹⁸ não somente demonstrar que *O Grande Massacre de Gatos* é inspirado no referido debate, mas afirma que se esforçará para mostrar como o trabalho de Darnton, “é, em muitos aspectos, a síntese extrema de um certo modo de imaginar a antropologia de Geertz: talvez por que é a *transposição mecânica* para a história dos problemas nascidos na antropologia, na relação desta com interlocutores vivos” (LEVI, 1999, p. 138).

Para confirmar como essa síntese extrema e essa transposição mecânica foram operadas por Darnton, Levi revisita o pensamento de Clifford Geertz, apontando o compromisso de sua antropologia com as reflexões hermenêuticas de uma corrente da filosofia que coloca como centro de seus interesses o fenômeno da interpretação.

Na tradição filosófica europeia se considerava que a interpretação era o caminho percorrido nos textos no sentido de identificar “o espírito de outras épocas”. Os filósofos hermeneutas estabeleceram uma quebra nessa percepção ao defenderem não ser possível penetrar no espírito de outra época, pelo menos não como antes se imaginava.

As ressonâncias da filosofia hermenêutica na antropologia de Geertz teria se dado, segundo Levi, através de uma “progressiva identificação da própria existência com o fenômeno da interpretação dos produtos culturais com os textos aos quais aplicá-la” (LEVI, 1999, p. 138 – 139), se configurando em uma postura de oposição ao modelo objetivista das ciências naturais e em uma identificação, perigosa, da história com a linguagem. Não custa lembrar aqui que o próprio Geertz destacava, como acima mencionamos, a importância e o seu compromisso em tentar alcançar a objetividade.

Dessa corrente filosófica, no entanto, aquele que teria exercido maior influência sobre Geertz seria o alemão Hans-George Gadamer, que se traduziu na antropologia estadunidense no interesse em “como os outros organizam um mundo significativo que lhes é próprio”, e que ressoa no pensamento de Darnton na forma como ele entende como os franceses do século XVIII atribuíam sentido ao seu mundo.

O problema na metodologia que essa reflexão inspira, para Levi, é o de “descrever as pessoas que agem como frases” (LEVI, 1999, p. 141) e se torna mais problemático ao tratar do significado fixado de forma separada do estudo dos processos sociais que o fixam. O “perigo”, e esse é o termo empregado no título de seu texto, da “textualização” do social é a separação, ou “extração”, como Levi prefere, que se pretende entre o *não escrito, as crenças, as tradições orais ou rituais*, que formam um conjunto significativo em relação a uma *situação imediata, a ocasião das ações* em que esse conjunto foi produzido. Afirma Levi, que esse modo de pensar à história parece muito arbitrário para sua “obsoleta mentalidade materialista”.

A continuação da resenha diz respeito a uma crítica aos “limites estetizantes e irracionais de Gadamer”, que se traduziriam na falta de um sentido global da história e na interpretação, tanto na Antropologia como na Histórica, como algo que não ultrapassa a simples “aplicação de alguma preferência ou situação presente” (LEVI, 1999, p. 143) sobre aquilo a que se detém, indistintamente, na pesquisa de campo ou na pesquisa de arquivo, antropólogos e historiadores, sem que se pudesse eleger um critério para escolher entre interpretações válidas ou inválidas.

É na sétima página da resenha, das dez totais, que Giovanni Levi retorna a *O Grande Massacre de Gatos*, quando aponta que um dos méritos do livro é assumir-se enquanto fruto de um exercício de História Cultural irmanada às ciências interpretativas, o que contribui para esclarecer sua origem, que é identificada por Levi, na apropriação que Darnton faz de Gadamer, nas considerações daquele autor alemão sobre o estranhamento diante do que o texto pode possibilitar: “Em geral tem-se de dizer que é somente na experiência do *choque com o texto* – seja porque ele não oferece nenhum sentido, seja porque seu sentido não concorda com nossas expectativas – o que nos faz parar e perceber um possível ser-diverso” (GADAMER, 1997, p. 403). Em Darnton, a percepção de Gadamer teria sido transposta da seguinte forma: “Precisamos de ser constantemente alertados contra uma falsa impressão de familiaridade com o passado, de recebermos doses de *choques culturais* ... analisando um documento onde ele é mais opaco, talvez se consiga descobrir um sistema de significados estranhos” (DARNTON, 1986, p. XV.).

É nessa semelhança entre o que pensa Gadamer sobre o *texto* e Darnton sobre o *passado*, na maneira como procuram expor essas *visões de mundo pouco familiares* que Levi enseja outra de suas críticas ao livro ao acusá-lo de fazer de pequenos episódios algo revelador de atitudes culturais importantes e, nisso, incorrendo no deslize de “perder o sentido das relevâncias”. Falta n’*O Grande Massacre de Gatos*, conforme Levi, “um

critério geral de validade e de relevância”. Por fim, o historiador italiano considera que a pesquisa realizada por Darnton não somente não acrescenta nada ao já conhecido, mas o confirma de modo débil e supérfluo.

Dessa maneira, diferentemente de Benedict, Levi encerra suas considerações sobre o livro de autoria de Robert Darnton, em vista de seus inúmeros problemas (e perigos) identificados ao saber historiográfico, sem recomendar sua leitura.

A leitura de Levi sobre *O Grande Massacre de Gatos* ainda reverbera entre os historiadores da micro-história, de modo mais facilmente identificável entre os italianos, mas não só entre eles. Em um seminário realizado em 1991, financiado pelo governo francês, promoveu-se um encontro tendo Yves Duroux e Marciel Detienne como organizadores, no qual historiadores e antropólogos foram reunidos em torno de um tema: “Antropologia contemporânea e antropologia histórica”, dando continuidade às discussões que, nesse sentido, haviam se realizado entre 1970 e 80. Os textos apresentados nessa ocasião foram organizados por Jacques Revel e publicados sob o título: *Jeux d'échelles: la micro-analyse à l'expérience*¹⁹, em 1996.

Um dos textos do livro organizado por Revel foi assinado por Simona Cerutti, professora da *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* em Paris, ex-aluna de Edoardo Grendi e Giovanni Levi e um dos nomes mais conhecidos do que poderíamos chamar de segunda geração dos microhistoriadores italianos²⁰. No artigo *Processus et expérience: individus, groupes et identités à Turin, au XVII siècle* Cerutti afirma que alguns historiadores têm analisado as “representações” sociais como algo fechado em si mesmo, pecando ao não se referirem aos processos que as geraram, seu modo de produção, sua relação com o espaço e com os indivíduos que as informaram.

Como exemplo desse tipo de “deslize” metodológico a autora cita o capítulo 3, “Um burguês organiza seu mundo: a cidade como texto”, d’*O Grande Massacre de Gatos*. Para Cerutti, na escrita deste texto, Robert Darnton teria analisado uma única fonte, apresentando-a como autônoma e isolada, sem relacioná-la com qualquer tipo de texto que lhe fosse contemporâneo e que também tratasse da cidade. Ampliando sua crítica, ela afirma que esse procedimento tem sido o mesmo “adotado por muitos historiadores que se inspiraram na antropologia interpretativa” de Clifford Geertz que, incorporada aos domínios de Clio, tem gerado uma atitude de passividade diante das fontes e, embora muitos dos trabalhos desenvolvidos sob essa inspiração tomem a linguagem dos atores sociais estudados como central na investigação, não se interrogam “... sobre a relação entre a realidade e a interpretação” (CERUTTI, 1998, p. 181), principal equívoco cometido por Darnton no capítulo a que ela se detém.

O próprio Levi retomará essa discussão no início da década de 1990, nesse momento já fazendo referências as aproximações da antropologia geertziana e à micro história italiana, apontando, nesse sentido, as semelhanças:

Apesar de suas raízes no interior do círculo da pesquisa histórica, muitas das características da micro-história demonstram os laços próximos que ligam a história à antropologia - particularmente aquela 'descrição densa' que Clifford Geertz encara como a perspectiva adequada do trabalho antropológico ... Parece-me que a antropologia interpretativa e a micro-história tinham tanto em comum, quanto têm a história e a antropologia em geral (LEVI, 1992. p. 141 e 144.).

Apesar de considerações menos agressivas, Levi não deixa de, especialmente, apontar o que entende como ser a principal diferença entre micro-história e antropologia interpretativa. Segundo o mesmo, a antropologia americana de inspiração geertziana enxerga um significado homogêneo nos sinais e símbolos sociais/coletivos, enquanto os micro historiadores se direcionam para esses mesmos sinais e símbolos pelo ângulo da multiplicidade das representações sociais que eles produzem, evitariam assim, esses últimos, "o perigo de se perder a visão da natureza socialmente diferenciada dos significados simbólicos ..." (LEVI, 1992. p. 149).

Conclusões

As aproximações pessoais e intelectuais de Robert Darnton em relação ao Jornalismo e à Antropologia o tornaram herdeiro de uma postura metodológica, uma escrita e uma forma específica de pensar o conhecimento histórico, nomeadamente como um esforço interpretativo da cultura. O domínio em relação a linguagem do jornalismo policial e da *descrição densa* geertziana dotaram seu livro *O Grande Massacre de Gatos* de uma repercussão que atingiu o mercado, a comunicação de massa e um público leitor ávido por histórias, embora produzidas a partir de pesquisas acadêmicas.

Mas esse mesmo livro não atingiu apenas essas esferas da sociedade, incomodou historiadores importantes no cenário internacional, que mobilizaram canais de comunicação mais estritos aos profissionais das áreas da História no sentido de criticarem a abordagem proposta ali, hora tida como inovadora, ora tida como portadora de nenhuma novidade. Nesse sentido, Philip Benedict e Giovanni Levi realizaram leituras críticas, cada um ao seu modo. O primeiro, de uma forma mais ponderada, já o segundo, de um modo mais contundente. Em um ponto ambos concordam, na negatividade que a aproximação da pesquisa histórica realizada por Darnton em relação à antropologia

geertziana representava à disciplina de Clío. Eles dois, no entanto, diferenciam-se quanto a relevância da obra para a História: enquanto Benedict reconhece sua importância, Levi não reconhece.

Esse debate ainda preserva ressonâncias na contemporaneidade, as reflexões de Simona Cerutti são a confirmação disso, mas ele também tem fôlego especial entre os defensores de uma racionalidade do conhecimento histórico e da objetividade nas ciências sociais e, em uma perspectiva particular, entre aqueles que aderiram ao chamado paradigma pós-moderno. O conhecimento desse diálogo e de seus desdobramentos pode nos ensinar muito sobre o *métier* do historiador e de suas possibilidades.

Referências:

BENEDICT, Philip. Robert Darnton e il Massacro dei Gatti: storia interpretativa o storia quantitativa? *Quaderni storici* - nuova serie, Vol. 20, No. 58 (1), L'America arriva in Italia (aprile 1985), p. 257 - 269. Disponível em:
http://www.jstor.org/stable/43777308?seq=1#page_scan_tab_contents

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 1998, p. 173 – 201.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Tradução Denise Bottman. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. Uma piada é uma espécie de porta de entrada para um outro sistema cultural. Entrevista Lilia Moritz Schwarcz e Luciano Figueiredo. *Revista de História*. 26 de outubro de 2010. Disponível em:
<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/robert-darnton>

DARNTON, Robert. *Censores em Ação: como os Estados influenciaram a literatura*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. (O original é de 2014).

DARNTON, Robert. *Berlin Journal*, 1989-1990. New York/London: W. W. Norton & Company, 1991.

Entrevista com Robert Darnton. Tradução José Murilo de Carvalho. *Topoi*, Rio de Janeiro, set. 2002, p. 389-397. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v3n5/2237-101X-topoi-3-05-00389.pdf>

Entrevista com Robert Darnton. Maria Fernanda Rodrigues. Caderno 2. *Jornal O Estado de S. Paulo*. 2009. Disponível em:
<http://www.livrosepessoas.com/tag/historiador/>

FREHSE, Fraya. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. *Rev. Antropol.* [online]. 1998, vol. 41, n.2, p. 235-243. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200011#3not

GEERTZ, Clifford James. *A Interpretação das culturas*. 1ª Edição, 13 Reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008. (Original EUA, 1973. Primeira edição brasileira, 1978)

LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. 4ª edição. Tradução Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 68 – 83.

LEVI, Giovanni. I pericoli del Geertzismo. *Quaderni storici - nuova serie*, Vol. 20, No. 58 (1), L'America arriva in Italia (aprile 1985), p. 269 – 277. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/43777309?seq=1#page_scan_tab_contents – Em português: LEVI, Giovanni. Os perigos do Geertzismo. *Revista História Social da Unicamp*. Campinas, SP: n. 6, 1999. p. 137 – 146. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/182>

LEVI, Giovanni. Sobre a micro história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo, SP: Unesp, 1992. p. 133 – 161.

LIMA, Henrique Espada. Pensando as transformações e a recepção da micro-história no debate histórico de hoje. In: ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. *Exercícios de Micro-história*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 131 – 154.

GADAMER, Hans-George. Vol. 1, 2ª parte, item 2: Os traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica. In: _____. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 400 – 556. (Primeira edição, Alemanha, 1960).

Sitografia:

Actes de la recherche en sciences sociales. Informações disponíveis em: <http://www.arss.fr/>

American Historical Association – AHA. Informações disponíveis em: <https://www.historians.org/>

John Darnton. Informações disponíveis em: <https://www.wook.pt/autor/john-darnton/13111>

Quaderni Storici. Informações disponíveis em: <https://www.mulino.it/riviste/issn/0301-6307>

The Journal of Modern History. Informações disponíveis em: <http://www.journals.uchicago.edu/toc/jmh/current>

¹A *American Historical Association* - AHA (semelhante à brasileira Associação Nacional de História – ANPUH, fundada em 1961), é a mais antiga sociedade de historiadores e professores de história dos Estados Unidos da América. A AHA foi fundada em 1884 e reconhecida pelo Congresso Nacional em 1889. Sua revista, *The American Historical Review*, é publicada cinco vezes ao ano e muito lida naquele país. Conforme Página pública da Associação: <https://www.historians.org/>

²Informações disponíveis em sua página pessoal: <http://www.robertdarnton.org/bio> - Na segunda parte, capítulo 5, do livro “O Beijo de Lamourette”, intitulado “5. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente pública”, o leitor pode ter uma ideia de como era a redação do New York Times na década de 60 do século XX, espaço de trabalho do próprio autor: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Tradução Denise Bottman. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

³DARNTON, Robert. *Revista de História*. 2010. Nos casos em que a citação for oriunda de uma página de internet, o que impossibilita a indicação da paginação, optaremos pela referenciação em nota de final de texto, mantendo o padrão autor, ano e página apenas quando for possível apresentar estes dados.

⁴John Darnton, irmão mais novo de Robert Darnton, nasceu em 1941, também em New York. Trabalhou trinta e nove anos como jornalista, editor e correspondente estrangeiro para o jornal The New York Times, tendo-se retirado do jornalismo em 2005. Ao longo da sua carreira, John Darnton foi distinguido com um *Pulitzer* (1982), prêmio norte-americano outorgado a pessoas que realizem trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical - pelas histórias que escreveu sobre a Polónia durante o período da lei marcial - e com dois *George Polk* (George Polk Awards – 1978 e 1981), pelas suas coberturas jornalísticas em África e na Europa de Leste. Paralelamente ao percurso jornalístico, publicou três romances: *Neandertal* (editado em Portugal) e *The Experiment e Mind Catcher*. O Pecado de Darwin é a sua última obra. Informações disponíveis em: <https://www.wook.pt/autor/john-darnton/13111>.

⁵DARNTON, Robert. *Caderno 2, O Estado de S. Paulo*. 2009.

⁶DARNTON, Robert. *Caderno 2, O Estado de S. Paulo*. 2009.

⁷Na parte 3, intitulada “Alemanha Oriental Comunista” o autor trata deste contexto no livro: DARNTON, Robert. *Censores em Ação: como os Estados influenciaram a literatura*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016. (O original é de 2014 e tem por título: *Censors at Work: How States Shaped Literature*).

⁸DARNTON, Robert. *Berlin Journal, 1989-1990*. New York/London: W. W. Norton & Company, 1991.

⁹DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. 1986, p. XI. Sobre o a História das Mentalidades ver: VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana, VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1997. p. 127 – 162.

¹⁰DARNTON, Robert. *Topoi*. 2002, p. 389-397

¹¹GEERTZ, Clifford James. *A Interpretação das culturas*. 1ª Edição, 13 Reimpressão. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2008. (Original EUA de 1973).

¹²Quem nos alerta para a limitação da primeira edição brasileira de *A Interpretação das Culturas*, na qual apenas nove dos quinze artigos originais são publicados, é Fraya Frehse em: FREHSE, Fraya. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. *Rev. Antropol.* 1998.

¹³Vamos abreviar o título do livro ao longo do texto como “O Grande Massacre de Gatos”.

¹⁴Não conheço tradução para o Português do texto de autoria de Philipi Benedict. Já o de autoria de Giovanni Levi foi traduzido em um número da Revista História Social da Unicamp: LEVI, Giovanni. Os perigos do Geertzismo. *Revista História Social da Unicamp*. Campinas, SP: n. 6, 1999. p. 137 – 146. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/182>

¹⁵Tentamos inventariar as edições de *O Grande Massacre de Gatos* e, mesmo com uma pequena margem de incertezas, especialmente em relação à 3ª e 6ª Edições/Graal, seguem os dados: 1ª Edição - Graal 1986; 2ª Edição - Graal 1988; 2ª Edição, 3ª Reimpressão 1996; 3ª Edição – Graal (?); 4ª Edição – Graal 2001; 5ª Edição - Graal 2006; 6ª Edição – 2010 (?); 7ª Edição – Graal 2011. A partir de 2014 a obra será publicada pela Paz & Terra: 1ª Edição - Paz & Terra 2014 e 2ª Edição - Paz & Terra 2015.

¹⁶Aqui ele refere-se ao livro VOLVELLE, Michel. *La Métamorphose de la fête en Provence de 1750 à 1820*. Paris, Flammarion, 1976.

¹⁷Utilizaremos a tradução feita para o Português e publicada na Revista História Social da UNICAMP, referenciada na Bibliografia.

¹⁸Além do texto analisado Levi volta a mencionar Geertz em: LEVI, Giovanni. Sobre a micro história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo, SP: Unesp, 1992. p. 133 – 161.

¹⁹Publicado em Paris em 1996, portanto cinco anos depois da realização do Seminário, o livro foi traduzido e publicado no Brasil com o título “Jogos de escalas: a experiência da microanálise”.

²⁰Junto com Simona Cerutti, os trabalhos de Angelo Torre, Maurizio Gribaudo e Osvaldo Raggio comporiam a segunda geração dos historiadores italianos da microhistória.

Artigo recebido em 14/05/2022

Aceito para publicação em 04/11/2022